

Sobre imagens: tecnologias invisíveis e a transparência do espetáculo

Wagner Souza e Silva

RESUMO

O objetivo do artigo é propor uma reflexão a respeito das imagens nos meios de comunicação contemporâneos. Como ponto de partida, tem-se o modelo interpretativo de Gianni Vattimo para a presença dos *mass media* na sociedade pós-moderna. Sua postura otimista desenvolvida em a *Sociedade Transparente* será contraposta à postura pessimista de Guy Debord em a *Sociedade do Espetáculo*, uma teoria que ainda mantém considerável influência nos estudos dos meios. Sugere-se que a produção imagética contemporânea e a diversificação da experiência estética do sujeito determinam um cenário em que a imagem adquire aspectos muito mais conscientizadores do que alienadores. Observa-se também a influência dos dispositivos híbridos que trazem cada vez mais lógicas operacionais simplificadas, tornando-se **tecnologias invisíveis** que garantem a fruição estética promovida pelas imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Comunicação. Tecnologia. Pós-modernidade

1 Introdução

As tecnologias de produção e transmissão de imagens na contemporaneidade incrementam de forma considerável o processo de comunicação como objeto de estudo. Um esforço interpretativo da cena comunicacional deve levar em conta a dimensão imagética das trocas simbólicas da sociedade pós-industrial contemporânea, visto os recorrentes aprimoramentos técnicos nos *mass media*. Em meio a perspectiva de que estão em crise valores modernos racionalmente consagrados pela ciência como moderadora de um processo progressivo de emancipação, uma análise do contexto social contemporâneo deve levar em conta essa “falência”, além das múltiplas possibilidades de circulação de idéias, mensagens, identidades e culturas que são permitidas à humanidade imersa na tecnologia presente em seu cotidiano.

Em *A Sociedade transparente*, Gianni Vattimo (1992) reconhece tal complexidade e propõe que o conceito de pós-modernidade possa ser entendido como reflexo de uma sociedade de comunicação generalizada, a sociedade do *mass media*. Vattimo, portanto, estabelece um fecundo modelo interpretativo, ao associar a própria definição de pós-modernidade aos avanços tecnológicos nos processos comunicacionais, e vai além: a imagem, ainda que de forma sutil, ocupa papel fundamental em seu raciocínio.

O objetivo deste texto é apresentar o que *A Sociedade transparente* suscitou em termos de reflexão a respeito da presença das imagens no contexto comunicacional contemporâneo. Desta forma, primeiramente será apresentado o substrato apreendido a partir da leitura do texto de Vattimo e, em seguida, o confronto deste com o conceito de **sociedade do espetáculo** de Guy Debord (1997), a “consagrada” e ainda influente crítica da imagem do final da década de 1960, e que aqui parece funcionar como catalisadora para esta análise. Por fim, propõe-se o conceito de **tecnologia invisível**, concebido a partir das próprias reflexões originadas pelo embate teórico que sustenta este ensaio, conceito este passível de ser também associado ao universo de produção imagética.

2 A Sociedade dos *mass media*

Vattimo parte da premissa de que, dentre os conceitos modernos em crise, as ideias de história unitária e progresso passam por uma dissolução quando se contextualiza a contemporaneidade numa configuração pós-moderna. Uma vez que são construídas a partir de um ponto de referência cronológico (o ano zero, do nascimento de Cristo), e mais especificamente “[...] como um encadeamento de vicissitudes dos povos da zona **central** do Ocidente”, percebe-se a fragilidade daquilo que é eleito para ser transmitido aos povos futuros, bem como a estrutura tendenciosa

de privilegiar camadas sociais dominantes na determinação do que deve ser parte dessa história única. “Assim, aquilo que fala a história são as vicissitudes da gente que conta, dos nobres, dos soberanos, ou da burguesia quando se torna classe de poder: mas os pobres, ou os aspectos da vida que são considerados **baixos**, não **fazem história**”. E se o que se transmite do passado não revela exatamente o que aconteceu, mas sim o que parece relevante para alguns, a própria ideia de progresso, entendida como reflexo de um “progressivo processo de emancipação” dentro da história da humanidade, não pode ser considerada sólida e única. E o fim do imperialismo e do colonialismo, ou seja, a revolta dos povos considerados **primitivos**, revelou que o ideal europeu de humanidade não deveria valer como “[...] verdadeira essência do homem, de qualquer homem.” (VATTIMO, 1992, p. 7-10). A referência que a modernidade usava como fim de uma busca progressiva e emancipatória na história humana não poderia mais ser considerada a ideal e essa constatação, para Vattimo, é determinante para inaugurar o que se poderia chamar de pós-modernidade.

Mas é no advento dos meios de comunicação de massa que Vattimo vê a maior contribuição para estabelecer o fim de uma era moderna. Segundo o autor, a multiplicação vertiginosa da comunicação dá voz a um número crescente de subculturas e reforça a revolta dos povos **primitivos** representada pelo fim do colonialismo e do imperialismo. E mesmo que esse contexto ainda não permita a emancipação política destes povos, visto que o poder econômico ainda é centralizado, a generalização dos processos comunicacionais pelos *mass media* provoca no Ocidente “uma situação explosiva, uma pluralização [...] que torna impossível conceber o mundo e a história segundo pontos de vistas unitários”. Ao mesmo tempo, com a multiplicação das imagens pelo mundo, perde-se o sentido de realidade, e é justamente nessa nova percepção de mundo, constituída por uma confusão cultural e uma comunicação intensificada, que reside o processo emancipatório do homem contemporâneo. “Viver neste mundo múltiplo significa fazer experiência da liberdade como oscilação contínua entre pertença e desenraizamento [...] nos tornando “capazes de alcançar esta experiência de oscilação do mundo pós-moderno como *chance* de um novo modo de ser (talvez: finalmente) humanos” (VATTIMO, 1992, p. 10-17). Um contexto que se reforça pelo diálogo entre ciências humanas (conhecimentos originados da análise das instituições, das formas simbólicas e da cultura do homem) e sociedade da comunicação (sociedade que traz a intensificação da troca de informações), capaz de conduzir-nos a uma **transparência** entendida como a exposição desta pluralidade cultural e “[...] dos mecanismos e armadilhas internas da construção de nossa cultura[...]”, constituindo

uma “[...] sociedade livre em que o homem se pode tornar consciente de si numa esfera pública.” (VATTIMO, 1992, p. 19-33).

A evidenciação da fragilidade da ideia de “história unitária” é reforçada quando Vattimo analisa a presença do *mito* na cultura contemporânea, qualificando-o como uma forma de pensamento “[...] narrativo, fantástico, envolvido nas emoções e que, globalmente, tem menores ou nenhuma pretensões de objetividade.” (VATTIMO, 1992, p. 35-49). E se a própria ciência, lembra o autor, nasceu como uma forma de **desmitificação**, a constatação e análise da presença do mito na contemporaneidade é uma possibilidade de verificar os alicerces da objetividade científica que fundamentou a busca pela emancipação na modernidade. Porém, as três vertentes de análise do **mito** contemporâneo expostas pelo autor – **arcaísmo** (o mito como um saber anterior e mais autêntico), **relativismo cultural** (o estudo do mito de outras civilizações como método de autoconhecimento) e **racionalidade ilimitada** (mito como estrutura narrativa sem questionar a validade do saber científico-positivista) – segundo o autor, negligenciam a complexidade histórica-temporal-cultural para a inserção do conceito:

O arcaísmo pretende voltar às origens e ao saber mítico sem se perguntar o que é o *período intermédio* que nos separa daquele momento inicial; o relativismo cultural fala de universos culturais separados e autônomos, mas não diz a qual destes universos pertence a própria teoria relativista; a racionalidade ilimitada não tem uma teoria explícita acerca da possibilidade de distinguir verdadeiramente entre campos reservados ao saber mítico e campos em que vale a racionalidade científica (VATTIMO, 1992, p. 46).

Razão, história e progresso como processo de emancipação passariam a ser considerados mitos, e o que poderia estar ocorrendo no momento seria, portanto, uma busca para “desmitificar a desmitificação”. Para Vattimo, “[...] se quisermos ser fiéis à nossa experiência histórica, teremos de ter em conta que, uma vez revelada a desmitificação como um mito, a nossa relação com o mito não emerge ingênua, mas fica marcada por esta experiência.” Tal ideia, para o autor, seria o que sustenta uma análise da presença do mito na cultura contemporânea e o que definiria a passagem da modernidade à pós-modernidade (VATTIMO, 1992, p. 47-49).

No entanto, considera-se aqui que o principal ponto analisado pelo autor é a experiência estética do sujeito contemporâneo inserido no sistema de *mass media*. Vattimo busca a comparação dos termos *shock* (Walter Benjamim) e *stoss* (Martin Heidegger), os quais abordam o ato contemplativo das obras, para qualificar a recepção às mensagens em circulação. Admitindo que ambos provocam um processo de **desenraizamento** (um estado de suspensão da evidência do mundo), ressalta que “[...] a experiência estética surge como uma experiência de estranhamento, que exige um trabalho de recomposição e readaptação.” (VATTIMO, 1992, p. 57). Essa **oscilação** do sujeito, portanto, teria em si um caráter

libertador em que “[...] interpretar e fruir uma obra significaria estabelecer-se neste mundo e na sua nova significatividade.” (VATTIMO, 1992, p. 60).

Vattimo propõe que a multiplicidade da experiência estética permitida pelos *mass media* possa reconfigurar a **utopia** da “unificação global do significado estético com o significado existencial”, ou seja, a ideia da experiência do belo em Kant como “pertença a uma comunidade” possa ser substituída por uma **heterotopia** fruto do fim do historicismo unitário. “Vivemos a experiência do belo como reconhecimento de modelos que fazem mundo e que fazem comunidade apenas no momento em que estes mundos e estas comunidades se dão explicitamente como múltiplos.” (VATTIMO, 1992, p. 74). O verdadeiro significado existencial do belo seria a expansão da experiência da vida cotidiana de um mundo para um processo de reciprocidade estética com outros mundos, constituindo assim, por meio desse jogo na sociedade da comunicação dos *mass media*, a ideia de mundo real.

Não há como negar que essa expansão da vida cotidiana do sujeito está intimamente ligada à diversificação da experiência com as imagens técnicas que invadem as telas contemporâneas. A tecnoimagética, expressiva a partir do advento da fotografia, sistematizou um modo de se tratar a imagem, ao aliar a mecanização da **perspectiva artificialis** e fixação desta em suportes. E na evolução de sua tecnologia, vemos hoje as telas eletrônicas, estas que garantem a equalização do acesso à informação, não só visual, pois congregam texto, imagem e som. A proliferação recente de *gadgets*, sobretudo observando-se os *smartphones* e *tablets* que invadiram o mercado nos últimos dois anos, atesta não só o avanço tecnológico dos *mass media*, mas o desejo embutido de inserção nesse sistema por meio da experiência estética sistematizada pela imagem.

Pode-se afirmar que as tecnoimagens congregam estes dois vetores de Vattimo, isto é, trazem tanto a diversificação da experiência estética quanto a suspensão do senso de realidade.

3 A Transparência do espetáculo

Vattimo busca insistentemente, ao longo de *A Sociedade Transparente*, reforçar a ideia do fim da história unitária e, conseqüentemente, o recorrente nascimento de outros “centros históricos” que evidenciam a complexidade da circulação dos bens culturais múltiplos que são bombardeados nos *mass media*. Não admite que esse “caos” possa já garantir a **transparência** da sociedade, ou seja, a sociedade contemporânea não vive liberta e consciente, mas os meios de comunicação contemporâneos, para Vattimo, desenham um cenário que pode favorecer a conquista de tal objetivo, não por meio da disseminação de uma objetividade

e visão estruturada da realidade, mas justamente pelo caminho contrário, ou seja, pela desarticulação de modelos estruturados a partir do recorrente confronto entre culturas e experiências estéticas diversas.

Essa suspensão recorrente da realidade promovida pelos *mass media*, que para Vattimo é um cenário favorecedor à emancipação, encontra forte oposição na *Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord (1997), consagrado crítico de uma sociedade que tem a imagem, em todas as suas acepções, como eixo para estabelecer relações. “O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta de alienação.” (DEBORD, 1997, p. 24). E ao também decretar que “[...] tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação [...]”, Debord acentua o papel alienante das imagens que percorrem o mundo, delineando-as como mediadora das relações sociais entre as pessoas. Trata-se, portanto, do espetáculo como estrutura do real, ou seja, de uma realidade que surge no espetáculo, promovendo a “[...] conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência.” (DEBORD, 1997, p. 21). Em Debord, as imagens atenuam a capacidade de conscientização da sociedade, permitindo que o indivíduo torne-se cada vez menos atuante e mais passivo.

O que para Debord surge como meio controlador, para Vattimo surge como meio libertador. Este considera que a **sociedade do espetáculo** não seria somente a “[...] sociedade das aparências manipuladas pelo poder [...]”, mas “[...] também a sociedade em que a realidade se apresenta com características mais brandas e fluídas, e em que a experiência pode adquirir os aspectos da oscilação, do **desenraizamento**, do jogo” (VATTIMO, 1992, p. 65).

O confronto de Vattimo com Debord revela-se, na verdade, como o embate entre dois pontos de vistas evidentemente inversos, mas que se complementam de certa forma. A visão otimista de Vattimo em relação ao espetáculo é promissora no sentido de permitir a **transparência** do pessimismo de Debord; ao mesmo tempo, Debord revela uma certa passividade no otimismo de Vattimo.

Não se pode esquecer o caráter econômico dominante e atuante na estruturação dos *mass media*, ou como coloca Debord, o “[...] espetáculo nada mais é do que a economia desenvolvendo-se por si mesma [...]”, o “[...] reflexo fiel da produção das coisas.” (DEBORD, 1997, p. 17). Vattimo não ignora tal caráter, mas de alguma maneira é passivo em sua abordagem, ainda que seja para tentar focar seus esforços na ideia da experiência estética presente no contexto. Mas é fato que na contemporaneidade, a produção, circulação e confrontamento com o “belo”, ou seja, a possibilidade de exercício da “pertença a uma comunidade”, depende do acesso às tecnologias disponíveis para isso, e estas, por sua vez, dependem

de políticas muito mais delineadas por aspectos econômicos do que por aspectos estéticos dos bens de uma determinada cultura. O mundo das imagens, seja ele do espetáculo ou não, está muito mais próximo de um mundo de mercadorias do que um mundo puramente estruturado por puras manifestações culturais diversas. Deve-se atentar também para o uso insistente do termo “massa” por Vattimo ao referir-se constantemente aos meios como *mass media*: esse modo de ver os outros como “massa”, segundo Raymond Willians, foi capitalizado para fins de exploração política e cultural e seu uso é muito mais comum quando se pretende a manipulação (WILLIANS, 1969, p. 310):

A fórmula decorrerá da intenção que tivermos. Se nosso propósito for educação, arte, a transmissão de informações ou opiniões, teremos a fórmula da audiência como seres racionais e interessados. Se, por outro lado, nosso propósito for o de manipular – persuadir grande número de pessoas a agir, sentir, pensar e saber de certa maneira – a fórmula será a das massas (p. 313).

Mas essa constatação no âmbito dos interesses macroeconômicos não deve ser considerada tão controladora e alienante, tal como insiste Debord. Neste sentido, Vattimo evidencia a complexidade cultural presente neste processo e que, de certa maneira, é simplificada por Debord visto seus objetivos de reforçar a ideia do empobrecimento da vida cultural do indivíduo numa “[...] sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir[...]”, onde o “[...]espetáculo seria o guarda desse sono.” (DEBORD, 1997, p. 19). O ponto de vista evidentemente marxista de Debord ignora a complexidade da estrutura cultural como fruto da articulação de manifestações individuais, e reduz o indivíduo a personagem coadjuvante e não atuante na constituição de uma cultura. O radicalismo no pensamento de Debord é fragilizado pela constatação de Vattimo de que a experiência estética presente numa dita **sociedade do espetáculo** é capaz de agir como desenraizadora de uma determinada situação passiva do indivíduo, ou seja, o que os *mass media* podem realizar é justamente o constante reposicionamento e um recorrente despertar do indivíduo em meio à sociedade da comunicação. A objetividade dominadora que Debord tenta evidenciar nos meios, portanto, é contextualizada numa estrutura muito mais caótica por Vattimo, e isso é suficiente para garantir uma certa imprevisibilidade e uma instabilidade às relações de poder dentro da sociedade. E a transparência da **sociedade do espetáculo** surge a partir da evidenciação desse caos, e principalmente dos “[...] mecanismos e armações internas da construção de nossa cultura [...]” e que podem, inclusive, evidenciá-la justamente com “uma das” formas de análise, e não como “a” forma de análise. Em outras palavras, o caráter obscuro da teoria de Debord é clareada pelas constatações de Vattimo a respeito do indivíduo capaz de dialogar

com a possibilidade da experiência estética presente e atuante nos meios. Até por que, a própria idéia de cultura passa pelo reconhecimento da individualidade, e não pela anulação desta. Para Raymond Willians, “[...] a ideia de cultura corresponde a um esforço comum de estudo e de tomada de consciência [...]”, sendo, portanto, “uma resposta que demos à grande mudança geral que ocorre em nas condições da vida humana.” (WILLIANS, 1969, p. 305).

Ao mesmo tempo, existe ainda na teoria de Debord uma certa centralização histórica de constituição do que seria um ideal de emancipação, principalmente pela cronologia de seus alicerces fundamentada a partir das “transformações” sociais no fim da década de 1960, visto que, segundo o próprio autor, a teoria do espetáculo é “[...] testemunha da posição extrema surgida durante as discussões de 1968 e, portanto, daquilo que era possível saber em 1968.” (DEBORD, 1997, p. 9). É justamente esta construção histórica centralizada que Vattimo, como já dito, procura questionar em sua obra ao afirmá-la como um conceito que parece estar chegando ao fim, funcionando, inclusive, como um indício do fim da era moderna. A **sociedade do espetáculo**, portanto, torna-se transparente também pela evidenciação de sua conceitualização construída a partir de um ponto de vista centralizado historicamente, o que a torna frágil como ponto de vista universal, tal como se propõe.

4 A Tecnologia invisível

Conforme já apontado, a experiência estética diversificada a partir da fluidez da produção imagética muito depende das tecnologias disponíveis para isso. Importante, portanto, o desenvolvimento de uma visão crítica perante os dispositivos de acesso que, de certa forma, concretizam o “caos comunicacional” emancipador assinalado por Vattimo.

Para este filósofo, tecnologia não pode ser considerada apenas os aparelhos e máquinas que instrumentalizam e mediam a relação do homem com a natureza, facilitando a sua existência. Falar de um mundo tecnorrônico não significa apenas apontar um aspecto da sociedade contemporânea, e sim a sua própria essência, sendo que tal ideia é acentuada pela sua presença nos meios de comunicação:

A tecnologia que domina e modela o mundo em que vivemos é certamente feita de máquinas ainda entendidas no sentido tradicional do termo, que fornecem os meios para dominar a natureza externa; mas é sobretudo definida, e de modo essencial, por sistemas de recolha e transmissão de informações. (VATTIMO, 1992, p. 22).

Segundo André Parente, “[...] com a emergência dos dispositivos de comunicação, aparece aqui e ali uma reciprocidade

entre as redes e as subjetividades, como se, ao se retirar, a hierarquização social deixasse de ver não apenas uma pluralidade de pensamentos, mas o fato de que pensar é pensar em rede [...]”, pois as redes “sempre tiveram o poder de produção de subjetividade e do pensamento” (PARENTE, 2004, p. 91). Talvez esta ideia circunde o pensamento de Vattimo a respeito do potencial dos meios de comunicação como delineadores de um processo de emancipação do indivíduo, principalmente por reconhecer o potencial de subjetividade presente nos meios contemporâneos. Estes, capazes de estabelecerem um fundo de “comunicação intensificada”, revelam-se como “mundos” em potência articulando a pluralidade cultural que invade e que é invadida pelas imagens contemporâneas. São estruturas que fazem circular a possibilidade da experiência estética como uma “nova abertura histórico-eventual” para o indivíduo e colocam em “estado de suspensão a evidência do mundo”. Com as redes comunicacionais estabelecidas, os já citados processos de **desenraizamento** e **oscilação** do indivíduo tendem a se tornarem recorrentes, possibilitando seu reposicionamento e, conseqüentemente, processos de subjetivação mais atuantes dentro das relações sociais. Não se pode negar, em hipótese alguma, que os avanços tecnológicos nos meios de comunicação não tenha essa potência subjetivadora sendo constantemente remodelada.

Mas deve-se atentar para o fato de que essa tecnologia, aqui entendida como os maquinismos em que se materializam a sua ciência (RUDIGER, 2003, p. 26), ao mesmo tempo em que vem se tornando cada vez mais presente e atuante, torna-se também imperceptível e imersa nas práticas cotidianas. Os avanços em áreas como a robótica, a minituarização de componentes como transmissores e circuitos integrados, permitindo cada vez mais a portabilidade em busca de uma praticidade de uso, na verdade, podem significar a erradicação da ideia de instrumento. Mesmo que se possa considerar que “[...] uma máquina que não é investida de desejo e alimentada de subjetividade é corpo sem vida [...]” (PARENTE, 2004, p. 93), é verdade que este “corpo sem vida” caminha para uma automação cada vez mais acentuada e a relação do indivíduo com estas tecnologias parece caminhar para uma passividade tremenda. Parece, portanto, fundamental indagar o que exatamente esta passividade da relação sujeito-máquina promove. Essas tecnologias invisíveis facilitam os processos de expressão dos indivíduos, ou os indivíduos estão submetidos à objetividade imperceptível contida nestas máquinas?

Para Vattimo, a possibilidade da comunicação ilimitada numa sociedade seria o que fundamentaria uma sociedade como **transparente**. Tal busca se daria pela liquidação de obstáculos e opacidades presentes no sistema de recolha e transmissão das

imagens, trilhando o caminho aberto pelo caos originado pelo confronto de culturas. É a onipresença tecnológica destes sistemas que irá permitir este confronto e, portanto, a busca da emancipação.

Ao passo que a tecnologia possui um papel fundamental nesta busca, sua condição invisível significaria, portanto, sua permeabilidade e inserção total na vida cotidiana destas culturas, acelerando os processos de trocas dentro deste “jogo” proposto por Vattimo. Em outras palavras, a constituição definitiva e enraizada das tecnologias estruturando uma rede facilitaria cada vez mais o “caos” presente numa sociedade de comunicação intensificada. Por outro lado, essa mesma invisibilidade dos maquinismos e mecanismos tecnológicos pode significar também a anulação do indivíduo no controle desta estrutura.

A possível dimensão criativa por meio destas tecnologias, ou seja, a própria ideia de **técnica** pode estar ameaçada, principalmente se pensarmos a **técnica** como uma “[...] forma de relação consciente com o mundo, em que se conectam dialeticamente saber acumulado e ação progressiva.” (RUDIGER, 2003, p. 29). Como definir, portanto, o impacto dos recorrentes avanços das tecnologias da comunicação na estruturação de uma cultura?

A ideia de **tecnologia invisível** suscitada pelo texto de Vattimo vem justamente estruturada já como uma possível resposta a esta questão. O próprio autor, num certo sentido, já reconhece esta invisibilidade ignorando esta relação sujeito-máquina como um caminho a se trilhar para a sua análise (apesar de constatarla nas citações já indicadas e pela presença constante de Heidegger ao longo do texto). Vattimo concentra seus esforços no que essas tecnologias são capazes de estruturar e não em como isso se dá. De certa forma, a mera constatação da tecnologia como porção fundamental, mas não decisiva, significa a busca da preponderância do indivíduo sobre a máquina.

Tecnologia invisível significaria, portanto, assumir a supremacia de processos de subjetivação. “Que sentido teria a liberdade de informação, ou mesmo apenas a existência de vários canais de rádio e televisão, num mundo em que a norma fosse a reprodução exata da realidade, a perfeita objetividade, a total identificação do mapa com o território?” (VATTIMO, 1992, p. 12) E o que poderia ser a relação sujeito-máquina além de mera materialização de uma relação homem-natureza mediada por uma objetivação científica?

Ao resgatar a ideia do mito como contraposição à objetividade científica (desmitificar a desmitificação), inserir a percepção do belo e a experiência estética das imagens como indício de conscientização do indivíduo (e não como fator alienante, tal como sugere Debord), Vattimo prioriza uma busca da essência que atua na relação do homem com a natureza, independente

de técnicas ou tecnologias que foram sendo estruturadas a partir de uma noção de razão científica que já não dá mais conta da complexidade do cenário.

Concentrando tais interpretações ao universo específico da produção imagética, pode-se apontar como exemplos a democratização dos processos fotográficos e videográficos permitida pelas simplificações e hibridações tecnológicas típicas do universo digital. Num certo sentido, ao garantir a invisibilidade de suas tecnologias, tais dispositivos deslocam a necessidade de instrumentalização material para uma instrumentalização ideal, isto é, substitui-se a cadeia de um pensamento operacional-tecnológico de produção pela cadeia de um pensamento muito mais conectado com o resultado estético e semântico da imagem.

5 Considerações finais

A ideia de **tecnologia invisível**, aqui proposta, na verdade reforça a essência do texto de Vattimo em buscar a relação homem-natureza a partir de constatações muito mais conectadas a processos de subjetivação (**oscilação, desenraizamento**), motivados pelas múltiplas experiências estéticas, do que pela cientificidade presente nas técnicas e tecnologias contemporâneas, situação que pode ser evidente no caso da produção technoimagética.

No confronto com a **sociedade do espetáculo** de Debord foram questionados dois pontos na teoria de Vattimo: a negligência ao aspecto político-econômico da sociedade da comunicação e a eficiência da pluralidade cultural como reveladora da atuação e participação do indivíduo no jogo do espetáculo. No entanto, o próprio Vattimo reconhece a fragilidade de sua teoria, sobretudo ao estar consciente de que esta se determina a partir de um caos, o que dificulta qualquer manifestação de controle da sociedade, tal como Debord insiste em atribuir aos *mass media*.

A imagem, bem como sua produção desenfreada – permitida, aqui se afirma, por tecnologias invisíveis –, é fundamental para estabelecer o “caos” cultural que Vattimo expõe na sociedade da comunicação generalizada, e que vem de encontro com o próprio “caos” que atua na configuração da contemporaneidade como uma sociedade pós-moderna.

About images: the invisible technology and the transparency of the spectacle

ABSTRACT

The aim of this paper is to propose a reflection about images in the contemporary media. As a starting point, we have the interpretive model of Gianni Vattimo to the massive presence of the media in postmodern society. His positive attitude, developed in the *Transparent Society* (1992) is opposed to the pessimistic attitude of Guy Debord in the *Society of the Spectacle* (1967). It

is suggested that contemporary imagery production and diversification of the aesthetic experience of the subject determine a scenario in which the image gets much more aware of the aspects that alienating. There is also the influence of hybrid devices that bring more logical operational simplified, making it invisible technologies that ensure the aesthetic enjoyment promoted by images.

KEYWORDS: Image. Communication. Technology. Postmodernity.

Acerca de las imágenes: las tecnologías invisibles y la transparencia del espectáculo

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es proponer una reflexión sobre las imágenes en los medios de comunicación contemporáneos. Como punto de partida, tenemos el modelo de interpretación de Gianni Vattimo a la presencia masiva de los medios de comunicación en la sociedad posmoderna. Su actitud positiva desarrollado en *La sociedad transparente* se opone a la actitud pesimista del Guy Debord en *La sociedad del espectáculo*. Se sugiere que la producción de imágenes contemporáneas y la diversificación de la experiencia estética del sujeto determinan un escenario mucho más conscientizante, y no alienante. También está la influencia de los dispositivos híbridos que traen simplificado de funcionamiento: tecnología invisible que garantizan el goce estético promovido por la imágenes.

PALABRAS CLAVE: Imagen. Comunicación. Tecnología. Posmodernidad.

Referências

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

PARENTE, André (Org.). **Tramas na rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RUDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

Wagner Souza e Silva

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP).

Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

E-mail: wasosi@gmail.com